

# ALBA VALDEZ: UMA MULHER DE LETRAS ENTRE A LITERATURA E A IMPRENSA CEARENSE

## *ALBA VALDEZ: A WOMAN OF LETTERS BETWEEN LITERATURE AND THE CEARENS PRESS*

Keyle Sâmara Ferreira de Souza  
SEDUC-CE

**Resumo:** Entre os séculos XIX e XX eram poucas as escritoras/jornalistas, entre elas destaca-se Alba Valdez, uma escritora cearense que escreveu para periódicos e publicou apenas dois livros *Em Sonho* (1901), uma coletânea de textos já publicados na imprensa da década de 1890, e *Dias de luz* (1907), um romance memorialista. Foi a primeira mulher na Academia Cearense de Letras e a segunda no Instituto Histórico do Ceará. Sua escrita sofreu a influência dos periódicos, que foram mais que suportes de textos, configurando-se como redes de sociabilidades.

**Palavras-chave:** Alba Valdez. Relações entre a literatura e a Imprensa. Redes de sociabilidades de escritoras.

**Abstract:** *Between the 19th and 20th centuries, there were few writers / journalists, among them Alba Valdez, a Cearense writer who wrote for periodicals and published only two books Em Sonho (1901), a collection of texts already published in the press of the 1890s, and Dias de luz (1907), a memoirist novel. She was the first woman at the Academia Cearense de Letras and the second at the Instituto Histórico do Ceará. Her writing was influenced by journals, which were more than text supports, configuring themselves as networks of sociability.*

**Keywords:** *Alba Valdez. Relations between literature and the press. Writers' social networks.*

### 1 A PALAVRA PÚBLICA DE ALBA VALDEZ

A leitura de Perrot (2005, p. 318) conduz a uma reflexão sobre a afirmação: “O Verbo é o apanágio dos que exercem o poder. Ele é o poder. Ele vem de Deus. Ele faz o homem. As mulheres estão excluídas do poder, político e religioso.”

Nos auditórios, assembleias, reuniões a mulher devia ser mera espectadora, na igreja apenas a contrição, o arrependimento, não podia pregar, conforme relata Perrot (2005). As mulheres são educadas para calar, ou falar muito baixo, determinadas expressões não fazem parte do léxico de “uma dama”. Lakoff (2010, p. 18) sintetiza algumas das diferenças entre a linguagem das

mulheres e dos homens: “Encontramos diferenças na escolha e frequência dos itens lexicais, nas situações nas quais certas regras sintáticas são desempenhadas, na entonação e em outros padrões supersegmentados”.

No entanto, mesmo diante dessas circunstâncias de proibição da palavra pública e da censura social e cultural da voz feminina, a mulher rompeu os paradigmas, e foi aos comícios, reuniões, escreveu livros, publicou em periódicos, tomou a palavra em público. Perrot (2005, p. 322) expõe: “[...] brechas racham o muro do silêncio. Trabalho, feminismo e movimento operário são seus principais agentes”.

Portanto, é preciso reconhecer a relevância da conquista da palavra pública para as mulheres para valorizar a o discurso feminino, principalmente, quando ela se torna uma oradora como Alba Valdez, por conta de suas publicações em periódicos, livros e sua participação no Instituto do Ceará e na Academia Cearense de Letras, em que fazia seus pronunciamentos durante as sessões desses órgãos culturais e literários, como o que fez em alusão aos 50 anos do Instituto do Ceará, posteriormente publicado na Revista do Instituto do Ceará, e que será analisado neste trabalho.

Maria Rodrigues Peixe construiu um pseudônimo para driblar o patriarcalismo dos pais, que não admitiam o uso da pena como um ofício feminino, sobretudo, na escrita para jornais e revistas. Assim, ela se transformou em Alba Valdez, Alba por homenagem a uma amiga, a filha de Tomás Pompeu<sup>1</sup>, e Valdez era o nome de um antigo dicionário da língua portuguesa<sup>2</sup> (ANDRADE<sup>3</sup>, 1976).

A mesma jovem que se esconde atrás de um pseudônimo para escrever e publicar nos jornais, se transforma na feminista que funda e preside a Liga Feminista Cearense. É ela que maneja habilmente a língua portuguesa e se faz ouvir por plateias predominantemente masculinas, assumindo mais uma vez sua postura pioneira e libertadora, que rompe com estereótipos socioculturais que teimam em inferiorizar a mulher. Isso se confirma em uma postulação de Lacoff: “É interessante, a propósito notar que a linguagem dos homens está sendo crescentemente usada por mulheres, [...]”.

Com uma linguagem extremamente formal, atribuída apenas aos “homens de letras”, e em um processo retórico, Alba Valdez inicia seu pronunciamento com uma saudação aos presentes: “Distintas autoridades civis e eclesiásticas. Ilustres colegas do Instituto do Ceará. Meus senhores. Minhas senhoras.” (VALDEZ, 1937, p.422). De logo, ao saudar às senhoras, a autora confirma a presença de mulheres no auditório, mesmo que em minoria. Ao apropriar-se desta linguagem atribuída aos homens, Alba Valdez não invade um território, porém ela mostra que a mulher tem competência para superar os limites que lhes foram impostos.

A formalidade linguística e a maestria com as palavras de Alba Valdez possibilitaram à escritora fazer um passeio da exaltação das terras e do povo cearense, passando por retrospectiva histórica do Instituto do Ceará e homenagem ao Barão de Studart até a narrativa da trajetória das mulheres de letras cearenses. Nessa empreitada lança mão de um tom irônico na sua oratória, mas

<sup>1</sup> Tomás Pompeu de Souza Brasil, o Senador Pompeu, pai de Alba Pompeu, a quem Maria Rodrigues homenageou na composição de seu pseudônimo.

<sup>2</sup> Confessou isso a uma biblioteconomista da Academia Cearense de Letras, Maria da Conceição de Souza.

<sup>3</sup> ANDRADE, F. Alves de, em pronunciamento como orador da Casa Juvenal Galeno, na solenidade comemorativa do Centenário de Alba Valdez, realizado em 12 de dezembro de 1974.

também combativo aos preconceitos de uma sociedade misógina:

Os 50 anos do Instituto alvoroçaram de alegria os trabalhadores desta casa. A festa decorre luminosa como sói acontecer com as festas da inteligência. Há no ritmo feiticeiro das ideias, criados por artistas da palavra, que já se fizeram ouvir.

.....

Que fazer? Tudo em mim é fraqueza. A mulher é um ser fraco propalam. Pois, da própria fraqueza construírei a força necessária para comunicar minhas emoções (VALDEZ, 1937, p.424).

De forma crítica, a oradora questiona, simbolizando sua modéstia, mas também atraindo a atenção dos ouvintes para o desenrolar de seu raciocínio, e então, segue seu discurso tratando sobre o panorama social cearense, no tocante do desenvolvimento intelectual da mulher, que ela classifica como “de alcance mínimo”, e de evolução lenta.

O discurso de Alba Valdez segue tratando de temas como a educação da mulher, e faz específica referência a Escola Normal cearense e o colégio Interno Nossa Senhora da Conceição, onde estudaram a maioria das mulheres de letras do Ceará no final dos séculos XIX e primeiras décadas do século XX.. Criticamente ela expõe que no primeiro “estudavam as moças pobres que se habilitavam ao cargo de professora” (VALDEZ, 1937, p.425), enquanto no segundo instruíam-se as meninas de famílias ricas. A oradora ainda relata a fragilidade da educação oferecida a mulher:

Estreitamente ligada ao lar por efeito do rigorismo educacional, sem maiores responsabilidades que as decorrentes dos afazeres domésticos, dos estudos feitos com certa limitação, a mulher visionava a vida menos pelo que possuía de real do que pelas aparências. O preparo intelectual ressentia-se do senso das realidades, convindo-lhe bem a terminologia de abstrato que os gramáticos conferem a determinados nomes.

A mulher, no século XIX e XX, era educada para desempenhar melhor suas funções de dona de casa e mãe, dessa maneira, a instrução que recebia era sempre restrita ao necessário para o sucesso do seu lar e dos filhos, especialmente das filhas, que deviam ser inseridas na sociedade como damas prendadas, a exemplo da mãe.

Partindo-se do princípio de que a mulher é inferior ao homem, os higienistas defendiam uma educação “moderada” para o segmento feminino, a qual contribuía apenas para que houvesse alguma distração em meio aos afazeres domésticos. Assim, a instrução feminina deveria ser inferior a masculina, [...]. (ZINANI, 2010, p. 54-55)

Em um discurso feminista Alba Valdez analisa a situação da mulher desde o século XIX até as primeiras décadas do século XX, tratando não somente da educação secundária, mas também das leituras consideradas adequadas às mulheres, as fantasiosas, os romances e poesias para o

entretenimento, que alimentavam a concepção da mulher passiva, que contemplava o mundo de longe.

Alba Valdez aproveitou bem seu lugar na tribuna, construiu seus argumentos a partir exaltação de mulheres cearenses oitocentistas, suas contemporâneas, que desafiaram o patriarcalismo, que se fizeram sujeito da sua própria vida e da história do Ceará e do Brasil, por exemplo ela cita Bárbara Pereira de Alencar<sup>4</sup>, Ana Triste<sup>5</sup>, Jovita Feitosa<sup>6</sup>, Maria Tomásia Figueira Lima<sup>7</sup>.

O feminismo, desde a origem, é a tomada de palavra e a vontade de representação das mulheres (PERROT, 2005). Alba Valdez toma a palavra e critica a desvalorização da leitura e da escrita, do ofício de escritor, que era atribuído aos boêmios; também relata o uso exaustivo do vocábulo “pedantismo” para referir-se as pessoas que se dedicavam às atividades intelectuais. Tudo isso para salientar que se havia preconceitos com os intelectuais e os literatos, com as mulheres os preconceituosos eram ainda mais potentes foi bem mais difícil.

A oradora também trata das intempéries climáticas, a seca e a miséria que assolavam o Ceará, e podiam dificultar a ação criativa, o fazer arte, e ressaltava que muitos dos homens de letras buscaram vida melhor em climas mais agradáveis e menos pobreza, longe da terra natal. Ela destaca que para as mulheres essas e outras dificuldades se agigantaram: “A mulher de letras do Ceará teve princípios ásperos, concorrendo para isso, como já foi dito, o isolamento da terra, sem o contato direto da civilização, a rigorosa educação familiar e os conceitos desairosos, que sobre o cérebro feminino atiraram certos filósofos” (VALDEZ, 1937, p.428).

Com relação às condições climáticas e econômicas do Ceará, Barreira (1987) destaca que a literatura cearense driblou todas as dificuldades e se fez criativa e efervescente. O historiador fez essa observação considerando o universo dos homens de letras, entretanto, conforme Valdez (1937) as mulheres interessaram-se pela realidade social e seus problemas e destaca a importância fundamental da imprensa para literatura feminina no Ceará, informando aos espectadores que na obra *Para a História do Jornalismo Cearense, 1824-1924*, do Barão de Studart, foram catalogados 17 periódicos, impressos ou manuscritos, dirigidos por mulheres.

O pronunciamento de Alba Valdez tem um caráter muito informativo e pedagógico, característica compreensível diante da formação docente da oradora, mencionando o primeiro periódico feito por mulheres para mulheres no Ceará, *O Lírio* (1875), entre outros como *Evolução*, *O Astro*, *A Estrela*, *O Rosário*, suas fundadoras e outras mulheres de letras que se destacaram no século XIX e início do século XX: Emília Freitas, Francisca Clotilde e sua filha Antonieta Clotilde, as irmãs Amélia e Olga Alencar, D. Maria Felismina e Ana Facó. Com o objetivo claro, empolgada a oradora

<sup>4</sup> Bárbara Pereira de Alencar foi uma mulher que articulou, lutou na Confederação do Equador, em 1817 e proclamou a república no Crato- CE, junto com seus filhos.

<sup>5</sup> Ana de Alencar Araripe, esposa de Tristão Gonçalves Araripe, filho de Bárbara de Alencar, ela acompanhou o marido em todas as lutas, e quando ele foi assassinado ela escapou da morte e sua tristeza lhe rendeu a alcunha de Ana Triste, cratense, uma sobrevivente, que passou a ser símbolo de uma glória melancólica.

<sup>6</sup> Jovita Feitosa, cearense de Tauá, se travestiu de homem para lutar na Guerra do Paraguai, alistando-se aos 17 anos em Teresina.

<sup>7</sup> Maria Tomásia, cearense de Sobral, era abolicionista e considerada excelente oradora. Sua atuação junto ao movimento em prol da liberdade dos escravos tornou-a reconhecidamente a alma feminina da campanha pela abolição. Ocupou o cargo de presidente da “Cearenses Libertadoras”,

provoca o público: “É pouco, é quasi nada! – opinarão alguns. E eu replicarei: É movimento. É vibração” (VALDEZ, 1937, p. 430).

Alba Valdez fez de sua homenagem ao cinquentenário do Instituto do Ceará uma defesa pública da capacidade intelectual, literária e política da mulher cearense, aproveitando sua oportunidade de subir à tribuna e se fazer ouvir por outros, apropriando-se do discurso, do mundo real simbolicamente, apresentando-o, pioneiramente, sob sua perspectiva aos espectadores, posição conquistada a pela qualidade de sua escritura nos periódicos e nos livros.

## 2 ALBA VALDEZ: A ESCRITA DA MULHER NOS PERIÓDICOS

Que animação! E que vontade que nós tínhamos de abandonar as cadeiras, saltar para a areia, misturar-nos com o pessoalzinho que se divertia, rodar com ele, cantar com ele a cantiga da “Senhora Dona Cândida”:  
Senhora dona Cândida,  
Coberta de ouro e prata,  
Descubra o seu rosto,  
Que queremos ver-lhe a cara.  
(VALDEZ, 1940, p. 47).

A cantiga de roda que marcou a infância de Alba Valdez e o imaginário de muitas pessoas ao recordarem-se do tempo de meninice, a autora a partir dessa reminiscência retoma um momento de sua infância quando ela e os irmãos sentavam na calçada acompanhados pelos pais (VALDEZ, 1940), mas ficavam no desejo de poder brincar de roda com as outras crianças da rua onde moravam.

Essa cantiga pode funcionar como uma analogia ao anseio de quem pesquisa a autoria feminina no século XIX e início do XX: descobrir o rosto de mulheres que a história da literatura omitiu, encontrar seus escritos de “ouro e prata” em meio as publicações, aos periódicos da época, e então, apresentar uma nova “cara” à história da literatura.

Como também, “Abandonar as cadeiras” (VALDEZ, 1940, p. 47) poderia ser uma boa metáfora para se referir ao processo de resgate da escrita pública de autoras cearenses do século XIX, em que a expressão significaria deixar o conforto de uma versão única da história da literatura, que no Ceará, como em todo Brasil, excluiu ou omitiu a maior parte da produção de escritoras como Alba Valdez.

Nessa perspectiva, é a senhora Alba Valdez que queremos conhecer, descobrir e ler o que sua pena produziu, a história de uma mulher de letras que se encaixa na definição de “mulher de papel” que Lacerda (2003, p. 355) construiu a partir da busca das histórias de outras mulheres que se utilizaram do recurso da escrita de si:

Mulheres de papel? Sim, já que suas histórias são, hoje, imagens construídas sobre papéis. Suas experiências de vida foram atravessadas por muitos papéis; suas relações de meninas a mulheres estiveram submetidas à força e imposição

de certos papéis sociais; seus desejos, intimidades e fantasias... escamoteados nas linhas dos papéis que produziram sobre si mesmas; a feminilidade e a identidade feminina de cada memorialista escondem-se por detrás dos papéis, tanto o de seus registros pessoais, como aqueles que dizem respeito às relações

Alba Valdez pode ser considerada então uma mulher de papel, pois são os seus papéis que nos permitem conhecê-la e reconhecê-la, em seus artigos publicados na imprensa do final do século XIX e no decorrer do XX, seus livros *Em Sonho... Fantasias* (1901) e *Dias de Luz* (1907).

Também temos que considerar as notas sobre sua biografia e sobre sua obra que circularam em jornais e revistas e que hoje nos permitem compreender como ocorreu sua inclusão nas belas letras no Ceará. Através de uma escrita memorialística, Alba Valdez “descobre seu rosto”, possibilitando que a partir dela se conheça a vida de outras mulheres do seu tempo, suas contemporâneas dos últimos anos do século XIX e primeiras seis décadas do XX, como também do Ceará e de sua gente a partir das representações que autora construiu em sua produção.

Embora não seja muito conhecida no cenário literário cearense, tampouco brasileiro, Alba Valdez teve textos seus traduzidos publicados para o francês, como o texto a “A carta” no jornal parisiense “Le Matin”, assim como, é reconhecida e admirada pelos escandinavos, devido às traduções de seus textos na Suécia.

Alba Valdez nunca abandonou o magistério, mesmo entrando no mundo das letras, escrevendo para periódicos e publicando os livros *Em Sonho* (1901), esta coletânea de crônicas e contos já publicados na imprensa, e *Dias de luz* (1907), um romance memorialista. O escritor Antônio Sales *apud* Barreira (1951, p.57) afirma que Alba Valdez é “a pena mais aprimorada que tem produzido a mentalidade feminina entre nós, fragmentos de imaginação, enfeixados em um livro com o título *Em Sonho*”.

Barreira (1951, p.57) ainda menciona as críticas dos escritores Rodrigues de Carvalho e Guiomar Torresão sobre o primeiro livro lançado pela autora, respectivamente: “fantasias e endexas de uma alma artisticamente sonhadora. Estilo fluente, fácil e delicado, concepção de um subjetivismo cerúleo, próprio da mulher sonhadora”[sic]; e:

[...] Um livro de mulher desperta sempre ainda a nossa curiosidade! - lida a primeira página, a leitura seguiu ininterrupta até o fim! O contrário era impossível! Um encanto tudo aquilo! Um ramalhete de flores das mais suaves cores, do mais delicado aroma! Meditações de uma doce e poética melancolia! Narrativas singelas, despretensiosas, descrições primorosamente feitas, e em tudo isto disputando primazias a elevação do pensamento com a correção da frase (TORRESÃO *apud* BARREIRA, 1951, p.58).

A crítica positiva a *Em Sonho* de Alba Valdez reforça o estereótipo da escrita feminina como delicada e fantasiosa, que atende a um “modelo-de-comportamento que se considerava ideal à mulher” (COELHO, 1993, p. 14), ou seja, a escrita feminina seria delicada, psicologicamente sutil, sensível, ingênua, afetiva e frágil como se esperava que a mulher fosse.

Quanto à segunda obra, o jornal *A República*, de oito de março de 1907, registra o aparecimento do primeiro romance de Alba Valdez, fazendo uma análise de seu estilo de escrita:

*Dias de Luz* é um volumezinho de 120 páginas – à moderna, portanto. Estão abolidos os livros maçudos em que, quase sempre, a carência de ideias contrastava com o profuso exterior. Alba Valdez veio firmar com a sua novela os créditos de estilista primorosa há muito tempo proclamada pela crítica. [...] Mas não se pense que só por amor de estilo escreveu ela o seu livro *Dias de Luz* seja uma obra de entretenimento, literatura para preguiceiras. A autora, pela boca de suas personagens, enuncia as ideias sobre instrução pública, incita o povo ao amor à pátria e torna-se eloquente quando pinta quadros domésticos. [...] Os tipos do livro de Alba Valdez são bem estruturados, a ponto do leitor se familiarizar com eles, idealizar-lhes as feições, como se na realidade os conhecesse. (*A REPÚBLICA*, 1907, p.1)

Nesta crítica a obra de Valdez já é considerada como moderna em espessura (apenas 120 páginas) e na forma de trazer a realidade como matéria para ficção, o que se contrapõe ao título de sua primeira obra.

Ela foi convidada a entrar na Academia Cearense de Letras (ACL), fundada em 1894, no ano de 1922, e excluída em 1930 por ocasião de nova reorganização do grupo para compor vacâncias de 20 membros que ou haviam falecido ou se encontravam ausentes. Contudo, em 1937, Alba Valdez se candidata à nova vaga na ACL e é eleita, mas só toma posse em 1953. A composição da ACL, considerando o sexo é assim descrita atualmente em página da entidade na web, ao apresentar alguns dados estatísticos na seção/link “Acadêmicos de Ontem”:

A Academia Cearense de Letras teve somente onze acadêmicas em 115 anos de existência, o que constitui 6,2% do total. No período da fundação, nenhuma escritora foi convidada para participar da nova sociedade mas, atualmente, seu quadro de acadêmicos conta com seis mulheres (15 %).

Comparando com a casa de Machado de Assis verifica-se que naquela instituição entre 240 acadêmicos somente seis (2,5%) são representantes do sexo feminino. A primeira mulher a fazer parte da Academia Cearense de Letras foi a escritora Alba Valdez, que ingressou na instituição na reorganização de 1922. Possuía intensa atividade literária, tendo escrito vários livros e colaborado com jornais da cidade e de outros estados. Participou do Grêmio Literário e da Liga Feminina Independente, da qual foi presidente.

Na reorganização ocorrida em 1930, não foi convidada para ser membro integrante da academia, fazendo parte do chamado grupo dos “injustiçados”. No entanto, graças a seu valor, em 1937 candidatou-se e foi eleita para ocupar a vaga deixada por Leiria de Andrade. Alba Valdez foi, portanto, uma das primeiras mulheres a entrar numa Academia de Letras do Brasil.(CEARÁ, 2014).<sup>8</sup>

---

<sup>8</sup> Disponível em: <http://www.ceara.pro.br/acl/Academicosanteriores/AcademicosAnteriores.html> . Acesso em: 12 de Out. 2014.

Conforme essas informações percebem-se a misoginia social enfrentada pelas mulheres, especialmente no mundo das letras, sejam elas literárias ou jornalísticas. É preciso salientar que, até hoje, em 120 anos de existência, e apesar das lutas feministas de escritoras como Alba Valdez, todos os patronos da ACL ainda são homens.

Esse patriarcalismo na literatura pode também ser reforçado pelo fato de Alba Valdez, apesar de participar de inúmeros movimentos e outras associações literárias cearenses, como se comprova a partir de registros de Barreira (1986)<sup>9</sup>, quando esta lista os membros de associações e o nome de Alba Valdez não aparece. A produção de Alba Valdez na imprensa é pouco explorada pela crítica literária, uma vez que, os gêneros lítero-jornalísticos ficaram à margem dos cânones e estudos acadêmicos por muito tempo.

Na crônica “Horrrível Morbus”, publicada em 1927 por Alba Valdez no jornal *O Nordeste*<sup>10</sup>, trata da proliferação da lepra em Fortaleza, fato histórico que marcou a década de 1920 no Brasil e na capital do Ceará<sup>11</sup>.

Muitos transeuntes iam e vinham, cruzando-se, tomando direções diferentes. Ninguém se detinha. Todos pareciam ensimesmados nos seus projetos, nos seus negócios, na sua vida. Pus-me a andar sob o lastro da imaginação que perdera o freio. Recordava-me de que há poucos anos relativamente os casos de mospheá no Ceará se contavam por unidades simples. Presentemente, o resultado numérico se eleva às centenas aos milhares, já pelo contágio, já pela entrada franca de doentes vindos de outras partes (VALDEZ, 1927, p. 4).

O fragmento mostra que o texto ganha valor histórico, visto que acaba por documentar importante acontecimento do Ceará. Esta é uma característica da crônica, que na sua construção dá notoriedade a um fato circunstancial, comum e até insignificante do dia a dia (SÁ, 2005), como um pedinte que pede esmolas e sensibiliza os passantes por ser esse portador de uma enfermidade que o impede de trabalhar. Entretanto, é a percepção da escritora Alba Valdez, suas reflexões, sensações, pensamentos, construção linguística que amplificam a carga emocional do texto, de forma que ele vai além da notícia e da reportagem meramente jornalística. Toda a descrição e informatividade destes gêneros textuais se juntam aos recursos literários, e com foco narrativo em primeira pessoa, Alba Valdez conduz o leitor pelo caminho do seu pensamento e dos seus medos:

E amanhã? Pensei na moeda do cavalheiro fazendo continuo: das mãozinhas cheias de pus, ela iria para outras mãos que a conduziriam até a gaveta do marceiro, do padeiro, do magarefe, contaminando tudo. Das gavetas comerciais passaria para a bolsa do empregado de bondes, que daria em troco ao grosso público; entraria

<sup>9</sup> Edição Fac-similar de monografia de 1948, com o título de História da Literatura Cearense, reeditada na coleção Instituto do Ceará sobre a História do Ceará, que tinha como intuito de publicar 26 monografias que trataram da História cearense sob os mais diversos aspectos.

<sup>10</sup> Este jornal fortalezense publicou essa crônica duas vezes: em 07 de abril de 1927 (p.03) e 12 de abril de 1927 (p.04)

<sup>11</sup> A Tese em questão traz em anexo um levantamento das obras de Alba Valdez, como também as descrições de vários textos da autora publicados em periódicos e os manuscritos inéditos que foram encontrados no acervo de Mozart Monteiro.



na minha casa, em todas as casas, em inúmeras algibeiras, e voltaria, quem sabe? Às palminhas donde tinha saído para reencetar outro ciclo maléfico. Pensei ainda na embalagem de papel vazia, rastejando alhures, lobrigada, por mulher do povo, que a aproveitara para empacotar a compra (VALDEZ, 1927, p. 4).

Desse modo, já se têm indícios de uma escrita de si nesta produção feminina, em que as histórias e memórias se misturam, e assim ocorre uma reinvenção de si e da relação com o outro (RAGO, 2013). Essa escrita se constrói a partir do discurso da escritora/jornalista que promove a interação entre seus valores, ideais e os relatos da história e informações sob a sua perspectiva.

A publicação de textos de autoria feminina em periódicos ou em formato de livros foi um grande avanço, porque isso denota uma mudança social muito relevante: a mulher que deixou sua posição cômoda e acomodada, que lhe foi imposta, e veio discutir os temas que a interessam, e que abalam a realidade da sociedade, acarretando mudanças sociais e linguísticas (LAKOFF, 2010). Pois a escritora mescla a sua linguagem feminina, a ela infligida, à linguagem do espaço público, de expletivos mais fortes, tida como masculina, que lhe é negada social e culturalmente, e pode-se dizer que constrói uma nova linguagem, fruto dessa nova posição social que conquista com luta árdua e diária, conquista que também foi restrita a número pequeno de mulheres contemporâneas de Alba Valdez.

Ao tratar da lepra, que por aquelas épocas espalhava-se pelo Ceará, ou de tempos memoriais em que o povo cearense não padecia com a estiagem, além de mostrar a preocupação com problemas sociais também revelam o interesse da escritora pela terra natal, que fez desta um de seus principais motes na sua escrita literária para os periódicos cearenses e de outros estados.

Todos os seus biografos, como também César (1929), no jornal *A Razão*, na coluna “Florilégio”, e Sousa (1937), como também várias notas sobre a escritora publicadas nos jornais e nas revistas destacaram o sucesso que as produções de Alba Valdez fizeram no estrangeiro:

Vários escritos seus foram transcritos em jornais d’além-mar. Publicou um trabalho: “A Carta” no “Album da Mala da Europa” que foi traduzido para o “Le Matin” de Paris. Uma fantasia intitulada “Recordações”, extraída do “Em Sonho”, foi traduzida para o jornal sueco “Hyad Nytt” e para uma antologia adotada nas escolas da Suécia, pelo notável escritor Dr. Goran Bjorkman, eminente glotólogo (CESAR, 1929, p.3).

A notoriedade de ser reconhecida na Europa deu à beletrista cearense a legitimidade de, nas primeiras décadas do século XX, publicar em jornais de grande circulação nacional. No Rio de Janeiro, estampou na primeira página de *A Capital*, o jornal que se dizia de maior circulação naquele estado, publicado em Niterói, a crônica “Folha Solta: página cearense”, na edição de 06 de agosto de 1903. O jornal *Gazeta de Petrópolis*, publicado na cidade homônima, do estado do Rio de Janeiro, também publicou em 1908 a crônica “Folha Solta: página cearense”, em sua edição de 05 de setembro.

Além da evidência que vivenciou no periodismo carioca, registra-se no levantamento

bibliográfico que Alba Valdez também publicou na imprensa pernambucana, em que se destacou pela participação na revista *O Lyrio*, um periódico de mulheres, com direção e redação de Amélia de Freitas Beviláqua, escritora piauiense. Alba Valdez foi uma das correspondentes dessa revista no Ceará.

O cotejamento dessa revista no Arquivo Público de Pernambuco, através de consulta à obra digitalizada possibilita o contato com a escrita de Alba Valdez, como também confirma que *O Lyrio* privilegiava a palavra das mulheres e objetivava divulgar a autoria feminina. Segundo Mendes (2004) esse periódico foi uma relevante ligação entre as mulheres intelectuais do período, final do século XIX e XX, estabelecendo a formação de uma “rede de sororidade”.

Além da revista *O Lyrio* e jornais cearenses, a escrita de Alba Valdez se encontra pulverizada em periódicos de vários estados do Brasil e de outros países, como Portugal, no *Almanaque das Senhoras* e *Almanaque de Lembranças Luso-brasileiras*. Isso ocorre porque as mulheres do final do século XIX até meados do século XX utilizavam a imprensa como meio de sociabilidade intelectual. Desse modo, ao considerarmos a trajetória bibliográfica de Alba Valdez é coerente afirmarmos a predominância dos periódicos como suportes de publicação da obra da autora, como se confirma em levantamento biobibliográfico realizado por Souza (2019)<sup>12</sup>. Assim, diante dos poucos livros e de tantas produções na imprensa, bem como da ciência da importância de recuperá-las, a partir do garimpo nos arquivos de periódicos e hemerotecas, a pesquisa de Souza (2019) também somou a bibliografia de Alba Valdez produções manuscritas inéditas, que valoram ainda mais a produção desta mulher de letras.

### 3. AS REDES DE SOCIABILIDADE DA JORNALISTA, ESCRITORA E FEMINISTA

Dentro da pátria não há fronteiras e muito menos a frialdade dos polos. O sol vibrante resplende por cima de rios gigantes de imponentes matas virgens de serras alcantiladas, guardando todos nos seus misteriosos recessos incalculáveis riquezas. Tudo é grande e por isso o sentimento deve ser uma consequência lógica do ambiente em que se formou. Mulher pernambucana, irmã da Cearense pelos vínculos de raça, de língua, de religião e de ideal! Mulher pernambucana, síntese de todas as virtudes sociais e domésticas! A mulher Cearense depõe na sua face pura o ósculo da amizade – flor do coração (VALDEZ, 1935, p. 22).

O excerto da mensagem, que Alba Valdez escreveu às mulheres pernambucanas, evidencia bem mais que a amizade entre pernambucanas e cearenses, ou a polidez e diplomacia da eloquente

---

<sup>12</sup> Publicações sob o uso do pseudônimo “Mademoiselle\*\*\*”, que também é atribuído à Alba Valdez por Souza (2019, p. 275-276).

escritora. Trata-se de um exemplo da teia social que as mulheres construíram para escrever e publicar, como também para defesa dos direitos femininos. Assim, podemos afirmar que Alba Valdez, como muitas outras escritoras, só alcançou o espaço público devido às redes de sociabilidade em que se inseriu ou foi inserida e, posteriormente, também contribuiu para criação.

Desse modo, para compreender a organização e os meios de sociabilidade intelectual que permitiram que as mulheres publicassem seus escritos, exige o (re)conhecimento primordial da identidade dessas mulheres de letras, que desde o século XIX publicaram nos periódicos. Salienta-se ainda, em conformidade com Shueler (2008), que a concepção de sociabilidade é essencial para a compreensão das trajetórias de indivíduos e de grupos que envolveram a atividade intelectual em um determinado contexto histórico social.

Dessa forma, ao traçar-se um perfil das mulheres escritoras no Ceará pode-se descrevê-las como: urbanas, muitas imigrantes do interior do estado para Fortaleza; tiveram uma educação diferenciada, o que lhes possibilitou ir além dos conhecimentos rudimentares de leitura e escrita; a maioria foram alunas da Escola Normal ou do Colégio da Imaculada Conceição; foram professoras; solteiras, casadas ou viúvas eram a maioria de religião católica; muitas eram abolicionistas; a maioria escreveu primeiro, e predominantemente nos periódicos; enfrentaram dificuldades para publicar suas produções devido ao preconceito social e a educação patriarcal de que provinham; apenas algumas usaram pseudônimos.

Conforme esse perfil, a mulher escritora cearense é inserida e ou se insere no primeiro espaço intelectual de sociabilidade a partir do seu processo educativo, em que a instrução possibilita que ela se transforme em leitora nas escolas primárias que funcionavam em sua maioria nas casas das próprias professoras.

Porém, a história de algumas escritoras cearenses esquadrihadas na pesquisa de Souza (2019) mostra que a escola secundária foi a primeira rede de sociabilidade delas, e nesta elas ampliaram a prática da leitura, contribuindo para transformação de algumas dessas mulheres de letras.

No caso específico de Alba Valdez, que estudou na Escola Normal de 1886 a 1889, deduz-se que a Escola Normal foi primeiro meio de sociabilidade intelectual dela. Esclarece-se que o entendimento do conceito de intelectual embasa-se em Sirinelli (1996), que afirma que o termo tem uma significação ampla e sociocultural, envolvendo criadores e mediadores culturais em um processo de engajamento. Assim, pode-se dizer que a Escola Normal possibilitou a Alba Valdez, além de formar-se professora, engajar-se em um mundo de sociabilidade como criadora e mediadora de cultura junto com outras mulheres que também se fizeram intelectuais.

Na Escola Normal Alba Valdez se inseriu em uma outra rede de sociabilidade intelectual, a imprensa, através do jornal *O Orvalho* (1888), publicação das alunas da Escola Normal. Nesse periódico, Souza (2019, p.204) atribui a autoria de Alba Valdez uma publicação anônima, e conjectura ter sido fruto do mesmo caderno de composições que ela citou em seu discurso de posse na academia Cearense de Letras:

Há, porém, outro fato que, para mim, merece especial relevância por se tratar



Com o início do século XX, essa expansão dos meios de sociabilidade de Alba Valdez é ainda maior, atingindo mais jornais cearenses, na capital e no interior, bem como outros estados do Brasil. A trajetória bibliográfica da autora mostra que, nos anos de 1900, havia registros de publicações de Alba Valdez no Maranhão, no jornal *Pacotilha* (1900); no Rio Grande do Norte, na revista *A Tribuna* (1901); no Rio de Janeiro com os periódicos *A Capital* (1903), jornal de Niterói, a *Revista da Semana* (1904) e *Gazeta de Petrópolis* (1908); e em São Paulo, no *Almanaque da Comarca do Amparo* (1905).

Como também, precisamos destacar que uma das maiores redes de sociabilidade que Alba Valdez se incluiu foi a revista pernambucana *O Lyrío* (1903-1904), visto que esse periódico garantiu grande visibilidade às mulheres que colaboraram com este periódico, elas se uniram nele com o intuito de divulgar a produção de autoria feminina.

Considerando a revista *O Lyrío* e as relações que se estabeleceram entre as autoras que publicam nesse periódico, em conformidade com Teixeira (2011), averigua-se que a imprensa feminina se configura como lugar de efervescência intelectual, de vivência afetiva e espaço de sociabilidade, o que percebemos porque pelos periódicos as mulheres escritoras se manifestaram, se organizaram e se comunicaram na cidade e em outros locais de produção, divulgando o conhecimento que construíam, seus pensamentos, sentimentos e promovendo debates e interações entre elas e com a sociedade em geral.

Assim, as publicações de Alba Valdez em *O Lyrío* possibilitaram que ela se relacionasse amistosa e ideologicamente com outras mulheres, de forma que juntas adquiriram mais força para exposição de suas produções literárias no espaço público da imprensa, o que concorreu para alterar o comportamento histórico social das mulheres do final do século XIX e dos primeiros anos do XX.

Isso comprova, portanto, a existência de redes de sociabilidades, que para Sirinelli (1996, p. 246) pode ser constatada quando um “estrato intermediário dos intelectuais” exercem uma influência cultural, social e política sobre outras pessoas daquele tempo. Destarte, as escritoras que publicavam em *O Lyrío* a partir de sua interação constante umas com as outras (redatoras, colaboradoras e correspondentes) e com as leitoras ampliaram essa rede de sociabilidade com outras mulheres e outros periódicos.

Observa-se também que Alba Valdez fazia uso das redes de sociabilidade para divulgar suas ideologias acerca da emancipação feminina, e isso se aliou a outro espaço de sociabilidade que a autora criou junto com outras mulheres: a Liga Feminista Cearense. Essas organizações ou sociabilidades ideológicas, segundo Schueler (2008), alimentavam o desejo e o gosto pela convivência das mulheres com a sociedade de seu tempo, aumentando sua ânsia por visibilidade, visto que não estavam mais sozinhas.

Alba Valdez também aproveitou a teia de sociabilidade promovida pela imprensa como espaço de atuação comercial, quando divulgou seus dois livros em diversos periódicos como no jornal *O Ceará* (1901); na revista *O Lyrío* (1903), *Pacotilha* (1900), entre outros. A leitura de Teixeira (2011) assevera que ao fazer uso da imprensa como um lugar de sociabilidade intelectual feminina

e de atuação comercial, as mulheres extrapolavam os papéis socialmente atribuídos a elas pela sociedade da época.

As redes de sociabilidade de Alba Valdez seguiram crescendo a partir da publicação nos periódicos que chegaram ao estrangeiro, fora do Brasil a autora publicou em Portugal no *Novo Almanaque de Lembranças Luso Brasileiras* (1903; 1905), como também em jornal francês e sueco, já citados. Essas vivências de sociabilidade deram maior notoriedade à autora e a sua produção no Brasil.

Assim, percebe-se que também no Brasil seu raio de publicação se amplia, ela publicou em jornal *A Cidade* (1900; 1904) de Sobral, interior do Ceará; na revista *Anais - do Congresso Maranhense de Letras* (1910) e *Renascença* (1911), também no Maranhão; na revista *Íris* (1920) de Porto Alegre; no Rio de Janeiro, também há publicações na revista *Nação Brasileira* (1930) e no jornal *Diário da Manhã* (1945); em Pernambuco, o jornal *Correio da Manhã* (1935) publicou uma produção de Alba Valdez.

No Ceará, há publicações de Alba Valdez em muitos jornais e revistas a partir da década de 1910: *Revista do Ceará*, o jornal *O Bandeirante*, a *Revista Escolar*, como também, as revistas *Ceará Intelectual*, *Ano Escolar*, *Panóplia*, *Poliantéa*, *A Jangada*, *Atualidade*; e os jornais *Correio do Ceará*, *O Nordeste*, *Unitário*, *O Estado*, *Diário do Ceará*, *A Tribuna*, *A Razão*, *Jornal do Comércio* e outros (SOUZA, 2019).

Toda essa notoriedade da obra de Alba Valdez colaborou para que ela fosse inserida em mais uma rede de sociabilidade: a Academia Cearense de Letras, que além do prestígio social e político garantiu mais visibilidade a autora, que também passou a figurar nas polêmicas sobre a presença da mulher nas Academias de Letras, estampadas em jornais por todo o país.

As Academias eram espaços de divulgação das Letras e, portanto, fora relevante para Alba Valdez ser convidada em 1922 para compor esse grupo no Ceará, até então totalmente masculino. A Academia Cearense de Letras representava a elite intelectual cearense, portanto influenciava a todos que se interessavam pelas belas letras.

Ser a única mulher nesse seleto grupo que formava uma Academia de Letras, associação que possuía suas políticas e retóricas, e que criticamente era vista por alguns como “locais para o exercício tolo e frívolo da vaidade ou como um simples adorno para biografias” (*DIÁRIO DO COMÉRCIO*<sup>14</sup>), era, mesmo assim, um grande feito, e um incentivo às outras mulheres escritoras, porque significava e representava uma vitória sobre muitos preconceitos que relegavam às mulheres a incapacidade de pensar, criar e se expressar.

Nesse contexto, considerando a afirmação de Gontijo (2005), reconhece-se que as mulheres de letras foram produtoras de bens simbólicos, criadoras e mediadoras culturais que se engajaram com o cotidiano de seus locais de produção a partir da construção e divulgação do conhecimento, promovendo e participando de discussões que favoreceram a recepção de ideias e assimilação de condutas.

Isso posto, permite registrar que a entrada de Alba Valdez na Academia Cearense de Letras legitimou seu reconhecimento como escritora, assim como sua exclusão<sup>□</sup> em 1930, na

<sup>14</sup> Verificar texto De pé de Alba Valdez, escrito no período que ela fora excluída da Academia Cearense de Letras e publicado no *Jornal do Comércio* em edição de 30 de maio de 1930, e republicado em revista do Rio de Janeiro, *Nação Brasileira*, na edição de agosto de 1930 (SOUZA, p. 310-312).

“reorganização da instituição” não foi suficiente para desconstruir esse papel, uma vez que ela usa o acontecimento, mediante as redes de sociabilidade já compostas, sobretudo, na imprensa, para fortalecer seu lugar social de escritora e retomar o espaço que lhe fora usurpado. Destarte, a Academia Cearense de Letras, de certo modo, não tem como evitar sua reinserção a partir da eleição da autora para cadeira de número 22, em 1937.

Outro relevante espaço de sociabilidade do qual Alba Valdez fez parte foi o Instituto do Ceará, ela fora a segunda mulher a fazer parte dessa associação de intelectuais, a escritora sucedera a Júlia Vasconcelos. O Instituto do Ceará tinha como objetivos resguardar e exaltar a história do Ceará, bem como, o progresso científico e das letras no Estado. A leitura da obra de Alba Valdez mostra que, principalmente nos anos de 1920 e 1930, a autora divulgara a partir de sua produção como beletrista a história do Ceará.

Outra associação literária que Alba Valdez participou foi a Ala Feminina da Casa Juvenal Galeno, em que as irmãs Galeno, Cândida, Júlia e Henriqueta, reuniram as mulheres escritoras cearenses, elas se correspondiam com outras escritoras do Brasil interagindo a partir das colunas e espaços nos jornais, como “Poetisas da Ala” ou o suplemento “Jornal do lar” que Souza (2019) cita na história da imprensa feminina no Ceará. Embora, em nenhum desses não se encontre publicações de Alba Valdez, mas consta nos registros da Ala Feminina na Casa Juvenal Galeno que a escritora fez parte dessa associação. Alba Valdez documentou a relevância das redes de sociabilidade em seu texto “Um encantador serão lítero-artístico na residência de Juvenal Galeno” que fora publicado no jornal *Correio do Ceará*, na edição de 25 de fevereiro de 1921, na primeira e segunda páginas:

Apesar dos esforços e tentativas que se têm feito, o nosso tráfego intelectual não apresenta nestes últimos tempos, afora uma outra joia isolada, nada que cative admiração.

Não é por falta de engenhos, que os temos, do que há mister é de uma longa solidariedade inquebrantável que congregue os elementos dispersos, acabando com a apatia, o marasmo dissolvente, para a iniciação de uma fase de atividade e esplendor cultural (VALDEZ, 1921, p.1).

Entretanto, sob um olhar crítico, é preciso enxergar também essas associações de intelectuais como um processo que pode ser comparado à formação das elites coloniais no Ceará, que consistia em uma forma de diferenciar as pessoas por sua linhagem familiar e posse de bens de consumo, constituindo uma “nobreza civil<sup>15</sup>”. Logo, com base nessa definição de “nobreza civil” (NOGUEIRA, 2017), podemos nos referir a uma espécie de “nobreza intelectual”, uma classificação intelectual que distinguia e elevava as pessoas pela sua participação nessas sociedades que legitimavam o lugar de escritor.

---

<sup>15</sup> Segundo Nogueira (2017): “Diferente da ‘nobreza de sangue’, a ‘nobreza civil’ tratava-se de um referencial de classificação social que distinguia dos plebeus (não equiparando, porém, ao estatuto da nobreza estamental) os sujeitos que, por meio do acesso a espaços de poder e governança locais (do Reino e do império) tornavam-se nobres, não por conta das origens familiares, mas pela prestação de serviços ao Estado.

Assim, a entrada de Alba Valdez nessas associações não desconfigurou caráter de diferenciação social delas, mas, salienta-se que houve uma ruptura de paradigmas e um alargamento de redes de sociabilidades para a autora, que a partir do seu ingresso passou a publicar também nos órgãos de imprensa dessas sociedades, que agregaram mais valor social e intelectual a produção de Alba Valdez, conferido pela participação nesses grupos em seu tempo.

A interatividade e sociabilidade que as agremiações intelectuais e, sobretudo, a imprensa proporcionava a Alba Valdez pode ser verificada ao longo de sua trajetória bibliográfica, porque nesses espaços observamos a constituição do que Teixeira (2011, p.9) chamou de “o mundo das sociabilidades”, que ela explica como sendo “uma forma de encontrar a experiência dos indivíduos em sua vida social”.

Nesse contexto, acrescenta-se que a tessitura das redes de sociabilidade de Alba Valdez se desenvolve no decorrer da travessia de suas publicações, de modo que, à medida que, a escritora publicava sua produção pelos jornais, revistas e almanaques se relacionava com outros pares, autores e autoras, que também interagiam com ela.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da trajetória biográfica de Alba Valdez, pode-se constatar que a invisibilidade a que as mulheres foram condenadas no decorrer da história foi recorrente apesar das conquistas, visto que, diante de toda a notoriedade que essa escritora conquistou no final dos anos oitocentistas e no decorrer do século XX, ela foi esquecida, apagada, presa a efemeridade dos periódicos para os quais publicou.

Nem mesmo suas duas obras tão bem acolhidas pela crítica literária ao serem lançadas, conseguiram fazer com que ela se mantivesse como parte da historiografia da literatura cearense, em que predomina o domínio masculino. Autoras de excelente qualidade literária precisam de que se especifique além do regionalismo para não desaparecerem por completo na amnésia de um cânone literário misógino.

*Em Sonho* (1904) e *Dias de Luz* (1907), hoje se encontram na condição de obras raríssimas. Em arquivo do escritor Mozart Monteiro, sobrinho da escritora também podemos encontrar manuscritos inéditos da escritora de textos não publicados. Alba Valdez, como tantas outras mulheres de letras citadas ao longo desse artigo foram apagadas, e só não desapareceram por completo devido aos estudos de gênero na Literatura, que promovem a revisão crítica da historiografia literária e o resgate de mulheres que escreveram e publicaram.

Nessa ruptura de paradigmas pelas mulheres no decorrer séculos a apropriação da palavra foi essencial à conquista de espaço, de direitos femininos. Mas, a conquista da cadeira na Academia Cearense de Letras e no Instituto do Ceará, garantiu a Alba Valdez uma conquista ainda maior: a possibilidade de tomar a palavra, subir na tribuna e se fazer ouvir por outras pessoas.

Assumir a posição de sujeito, expor e defender suas próprias ideias, ir além de uma linguagem que lhe é imposta, era tão difícil como lutar em uma guerra. A linguagem de Alba Valdez



era esmerada, gramaticalmente perfeita. A autora publicou em diversos gêneros, poemas, crônicas, contos, memórias, discursos proferidos nas reuniões do Instituto do Ceará e da Academia Cearense de Letras, e em suportes variados, tanto em formato de livro, quanto em inúmeros jornais e revistas cearenses e de outros estados brasileiros, chegando até mesmo a ter seus escritos publicados no exterior.

Uma pioneira no feminismo cearense, e atuante em discutir e lutar por espaço e direitos das mulheres no campo da literatura e da cultura em geral. O feminismo foi muito importante para que as mulheres transpusessem as barreiras do silêncio e do privado, para separar a concepção de mulher de matrimônio e maternidade, até então destinos certo para as mulheres. As mulheres viram no celibato a possibilidade de se libertar da submissão ao masculino, de poder estudar e dedicar-se as profissões que não lhe eram atribuídas socialmente.

Alba Valdez nunca deixou o magistério, mas também nunca parou de escrever, e o que publicou em periódicos dariam bons livros. Pouco se sabe dela, uma consequência das tintas do esquecimento com que camuflaram sua trajetória e sua obra, que permite se estudar e analisar as relações entre a literatura e a imprensa, assim como, a palavra da mulher nesses dois espaços linguísticos.

Essa relação entre o literário e o jornalístico é a essência da literatura cearense, sobretudo na literatura feminina neste estado, em que as condições econômicas sempre foram precárias, porém não impediram que a liberdade criadora se sobressaísse, se multiplicasse. Assim, as linguagens jornalísticas e literárias se retroalimentaram, se influenciaram, uma modificando a outra, principalmente a linguagem da mulher, que para publicar no periódico se transformou, tornando-se mais ágil, rompendo com estereótipos de que a linguagem feminina tinha que ser excessivamente descritiva, detalhista, ou tratar sempre de temas domésticos e ou fúteis.

Alba Valdez conseguia escrever desde as doces memórias do Ceará sertanejo, ou da Fortaleza antiga e singela, até aos temas pedagógicos caros à Educação, e os discursos feministas francos e fortes, dos poemas aos ensaios, do romance memorialista as crônicas para os jornais. Como então poder apagar esta e outras tantas mulheres tão talentosas? Não é possível, elas submergem desse mergulho forçado no esquecimento e suas produções nos oferecem rico panorama literário e histórico da sociedade, o que possibilita preencher as fissuras que a misoginia e o patriarcalismo deixam na literatura.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, F. Alves de. O centenário de Alba Valdez. In: REVISTA DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS. *Revista da Academia Cearense de Letras*, Fortaleza, 1976, (p. 141-148).

BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. *Jornal e Literatura: a imprensa brasileira no século XIX*. Porto Alegre: Nova Prova, 2007.

BARREIRA, Dolor. *História do Ceará: História da Literatura Cearense*. Fortaleza: Edições do

Instituto do Ceará, 1951/1986.

CÉSAR, Euclides. Florilégio: D. Alba Valdez. *A Razão*, Fortaleza, 25 jun. 1929. (p.3)

COELHO, Nelly Novaes. *A Literatura feminina no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Siciliano, 1993.

GONTIJO, Rebeca. História, Cultura, Política e Sociabilidade Intelectual. In: SOIHET, R.; BICALHO, M.; GOUVÊA, M. *Culturas políticas: ensaios de história cultural, história política e ensino de história*. Rio de Janeiro, MAUAD/FAPERJ, 2005, p. 259-284.

LACERDA, Lilian de. *Álbum de leitura: memória de vida, histórias de leitores*. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

LAKOFF, Robin. Linguagem e lugar da mulher. In: OSTERMAN, Ana Cristina; FONTANA, Beatriz. *Linguagem, gênero e sexualidade*. São Paulo: Parábola, 2010.

MENDES, Algemira de Macêdo. *A imagem da mulher na obra de Amélia Beviláqua*. Rio de Janeiro: Caetés, 2004.

PERROT, Michelle. A palavra pública das mulheres. In: \_\_\_\_\_. *As mulheres ou os silêncios da história*. Trad. Viviane Ribeiro. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

RAGO, Margareth. *A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade*. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2013.

SÁ, Jorge de. *A crônica*. 6. ed. São Paulo: Ática, 2005.

SCHUELER, A.F.M.de. *Práticas de escrita e sociabilidades intelectuais da cidade: professores autores na corte imperial (1860 – 1890)*. Disponível em: [http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe\\_2008/pdf/111.pdf](http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe_2008/pdf/111.pdf). Acesso em 14 jan. 2018.

SIRINELLI, J.F. Os intelectuais. In: RÈMOND, R. *Por uma história política*. Trad. Dora Rocha. Rio de Janeiro: FGV/UFRJ, 1996. (p. 231-269).

SOUSA, Eusébio de. Maria Rodrigues (Alba Valdez). In: \_\_\_\_\_. *Meio século de existência: subsídio para a história do Instituto do Ceará, 1887-1937*. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1937. (p.219-224).

SOUZA, Keyle Sâmara Ferreira de. *Alba Valdez: a palavra das mulheres na história da Literatura e da Imprensa Cearense*. Tese. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2019. Disponível em: [https://sig-arq.ufpb.br/arquivos/2019097231c95a1522007a3344824a243/Tese\\_-\\_Keyle\\_Samara\\_Ferreira\\_de\\_Souza.pdf](https://sig-arq.ufpb.br/arquivos/2019097231c95a1522007a3344824a243/Tese_-_Keyle_Samara_Ferreira_de_Souza.pdf)

TEIXEIRA, Roberta Guimarães. *Os lugares e meios de sociabilidade intelectual do jornal O Sexo Feminino: algumas considerações*. Disponível em: [https://www.google.com/search?q=os+lugares+e+os+meios+de+sociabilidade+intelectual+do+jornal+o+sexo+feminino&rlz=1C1CHZL\\_ptBRBR797BR798&oq=os+lugares+e+os+meios+de+&aqs=chrome.1.69i57j69i59l3j69i60.9506j1j8&sourceid=chrome&ie=UTF-8](https://www.google.com/search?q=os+lugares+e+os+meios+de+sociabilidade+intelectual+do+jornal+o+sexo+feminino&rlz=1C1CHZL_ptBRBR797BR798&oq=os+lugares+e+os+meios+de+&aqs=chrome.1.69i57j69i59l3j69i60.9506j1j8&sourceid=chrome&ie=UTF-8). Acesso em 14 jan. 2018.

VALDEZ, Alba. Seção 2: Discurso em comemoração ao Quinquagenário do Instituto do Ceará. *Revista do Instituto do Ceará*, Fortaleza, 04 mai. 1937, p. 422-430.

\_\_\_\_\_. Nosso lar, nossa escola. *Revista da Academia Cearense de Letras*, Fortaleza, 1940, p.46-49.

\_\_\_\_\_. Um encantador serão lítero-artístico na residência de Juvenal Galeno. *Correio do Ceará*. 25 fev. 1921, p.1-2.

\_\_\_\_\_. O horrível Morbus. *O Nordeste*, Fortaleza, 1927.

\_\_\_\_\_. Justiniano de Serpa e Leiria de Andrade. *Revista da Academia Cearense de Letras*, Fortaleza, 1953, p.133-152.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert. Estudos culturais de Gênero e história da literatura. In: \_\_\_\_\_. *História da Literatura: questões contemporâneas*. Caxias do Sul, RS: Eduscis, 2010.

### Keyle Sâmara Ferreira de Souza

---

Professora da rede pública do Estado do Ceará (SEDUC-CE). Doutora em Letras (UFPB), Mestre em Letras (UESPI), graduada em Letras (Faculdade de FAFOPA-PE) com Especialização em Língua Portuguesa, e Literatura Portuguesa, Brasileira e Africana de Língua Portuguesa (URCA-CE). Membro do Núcleo de Pesquisa sobre Literaturas Escritas por Mulheres (NUPELEM/UFAPPE), vinculado ao CNPq/UNIFAPE. Desenvolve pesquisas sobre a escrita e publicação de mulheres na Literatura e na Imprensa nos séculos XIX e XX, bem como sobre escritoras nordestinas do século XXI.

E-mail: keyle.souza@prof.ce.gov.br.

*Recebido em 10/09/2020.*

*Aceito em 15/10/2020.*